

INTRODUÇÃO

A metáfora deriva de um desvio, logo é *fundada* na linguagem literal? Ou devemos concebê-la como *fundante*, sob a alegação de que a linguagem tem um solo fundador de natureza inventiva e, portanto, já nasce metafórica?

Esta pesquisa tem como objetivo mais geral situar as reflexões de Santo Agostinho no campo do estudo da metáfora com respeito a essas duas possíveis formas de concebê-la. Em prol deste objetivo, buscaremos fazer uma garimpagem das definições e discussões agostinianas acerca da metáfora, destacando seus pontos de alinhamento e bifurcação com respeito a essas duas orientações, que, segundo Umberto Eco (1994), dividem os discursos teóricos no Ocidente pelo menos desde o pensamento seminal de Aristóteles sobre o tema.

No decorrer da pesquisa pretendo, ainda, por meio da análise de passagens sobre a metáfora extraídas do corpus agostiniano, verificar se o método proposto por Agostinho para dar conta da distinção em questão é aplicável somente ao signo bíblico, o qual o autor analisa na exposição de seu método, ou aos signos de maneira geral. Além disso, não ficará de fora a observação do mecanismo pelo qual a metáfora procede na perspectiva agostiniana.

Buscaremos mostrar que a prática de distinguir o metafórico do literal, tão criticada por teóricos contemporâneos, torna-se imprescindível no método hermenêutico proposto por Agostinho, em que está em jogo a correlação entre certos significados e verdades da experiência humana e os significados e verdades de uma tradição religiosa específica. Ademais, pretendemos demonstrar que, salvaguardando essa correlação, o pensamento de Agostinho habilita de forma particularmente iluminadora, e não dicotômica, a tese de que a metáfora deriva do *absurdo literal*, sobretudo pelo modo como compatibiliza essa tese com a possibilidade de a metáfora ser fonte de *insight* e *verdade*.

Isso envolverá explicitar o modo como Agostinho resolve um “embaraço” caracteristicamente ligado à herança escolástica da visão platônico-aristotélica da linguagem. Se os escolásticos adotam a perspectiva aristotélica da linguagem – segundo a qual o discurso passível de valor de verdade é o discurso lógico, vale dizer, *declarativo e literal* –, um problema se coloca: se as metáforas são para

Aristóteles recursos relegados à Retórica e à Poética, estando fora do discurso apofântico, isto é, do discurso passível de valor de verdade, como lidar com o fato de que as Escrituras Sagradas, que não podem ser relegadas ao terreno da ficção ou da oratória política, são repletas de metáforas?

Para cumprir os objetivos aqui declarados esta tese se estrutura da seguinte forma:

O capítulo a seguir apresenta o debate em torno da metáfora, com o intuito de ressaltar a forma como a posição hegemônica tradicional e suas vozes dissidentes tratam a questão da distinção entre o metafórico e o literal, observando as implicações de se conceber a metáfora como fundante ou como fundada. Neste capítulo dedica-se uma seção a mostrar o pioneirismo aristotélico no campo da metaforologia.

O capítulo terceiro, onde serão levantadas as considerações sobre a linguagem feitas por Santo Agostinho, servirá de preâmbulo para a abordagem, propriamente dita, desse filósofo no que respeita à metáfora.

Coube ao quarto capítulo a reunião das passagens metafóricas coletadas no corpus agostiniano, que, mais de perto mostram como a metáfora atravessa as discussões de Santo Agostinho sobre a linguagem e qual sua visão sobre o fenômeno. No quinto capítulo, a fim de perceber como se dá o alinhamento da visão de Santo Agostinho sobre a metáfora nos dois campos de concepções em questão, analisam-se essas passagens relacionando-as aos eixos de disputa do alcance, dos efeitos e dos procedimentos da metáfora.